

**"E A VERDADE VOS FARÁ  
LIVRE": A TEOLOGIA NEGRA NO  
LIMAR DA IMAGINAÇÃO POÉTICA  
DO SAMBA ENREDO DA  
MANGUEIRA**

**"AND THE TRUTH WILL MAKE YOU  
FREE": BLACK THEOLOGY IN THE  
LINEAR OF THE POETIC IMAGINATION  
OF SAMBA ENREDO OF MANGUEIRA**

**Emiliano Jamba António João**

Doutorando e Mestre em História Social pela UNICAMP; Graduado em Teologia e em Direito; Especialista em Docência em Filosofia e Teologia contemporânea; em Direitos Humanos e em Direito Constitucional; Membro do GT-Teologia e Negritude, vinculado a FTL/Campinas. E-mail: emilianojamba1@gmail.com

**Resumo:** Este ensaio é fruto de discussões feitas no GT-Teologia e Negritude/FTL-Campinas onde buscamos atualizar o debate em torno da racialização, missão e teologia das comunidades eclesiais, bem como, pensar os processos de discriminação racial existente hoje dentro e fora das igrejas evangélicas, a fim de que, enquanto agentes do Reino de Deus, possamos compreender e juntamente carregarmos essas dores. Deste modo, temos a intenção de analisar a relevância e aplicabilidade da teologia negra e sua cristologia para os dias atuais, sobretudo sua contribuição para repensarmos a igreja de Cristo, seu alcance, sua força, sua teologia e também seu procedimento para com o povo negro. O contexto turbulento e paradoxal que as comunidades negras enfrentam em relação a sua plena humanidade dentro das comunidades de fé foi uma das motivações da nossa escolha temática. Para o cumprimento de nossa proposta, três movimentos serviram como guia de reflexão: contextualização; análise da relação existente entre teologia e imaginação poética; e por fim, apresentamos proposta de uma "teopoesia" negra.

**Palavras-chave:** Teologia Negra. Imaginação poética. Samba. Mangueira. Teopoesia.

**Abstract:** This essay is the result of discussions held at GT-Teologia e Negritude/FTL-Campinas where we seek to update the debate around the racialization, mission and theology of ecclesiastical communities, as well as to think about the processes of racial discrimination that exist today inside and outside the churches evangelicals, so that, as agents of the Kingdom of God, we can understand and bear these pains together. In this way, we intend to analyze the relevance and applicability of black theology and its Christology for the present day, especially its contribution to rethinking the church of Christ, its reach, its strength, its theology and also its procedure towards black people. The turbulent and paradoxical context that black communities face in relation to their full humanity within faith communities was one of the motivations for our thematic choice. For the fulfillment of our proposal, three movements served as a reflection guide: contextualization; analysis of the relationship between theology and poetic imagination; and finally, we present a proposal for a black "theopoetry".

**Keywords:** Black Theology. Poetic imagination. Samba. Mangueira. Theopoetry.

## INTRODUÇÃO

Este texto nasce por meio de uma inquietação ocorrida em janeiro de 2020, aquando das recriminações feitas a Escola de Samba *Estação Primeira de Mangueira* por apresentar uma temática cujo personagem, Jesus, representaria os "deserdados

---

da terra": Preto(a)s, pobres, periférico(a)s, e marginais, ou seja, aquele(a)s que se encontram à margem do Ideal humano: os "outros".

O referido enredo teve como tema *a verdade vos fará livre*. A repercussão negativa que teve o "Jesus Negro" na passarela carnavalesca do Rio de Janeiro no referido ano, por parte de alguns setores das igrejas evangélicas, nos impulsionou à esta análise.

A Teologia Negra e a "teopoesia" servirão de base para pensarmos não só o processo de discriminação, como também os elementos identitários da fé cristã dentro das comunidades eclesiais e no espaço público em que esta comunidade negra está inserida. A bem da verdade, a realidade concreta e a materialidade das formulações teológicas e filosóficas estiveram sempre presentes na base do fazer teológico negro<sup>1</sup>. A teologia negra por exemplo, que nasce nos Estados Unidos na década de 60 é fruto desta tentativa de se contrapor a uma produção teológica e filosófica até então vigente, alienada ao sofrimento dos oprimidos<sup>2</sup>. Ora, em meio a um contexto demarcado pela política segregacionista materializada nas pesadas Leis Jim Crow<sup>3</sup>, a comunidade negra norte-americana passou a se interrogar pelo lugar da teologia nos eventos sócio-históricos humanos. Surgindo, a partir de então, a Teologia Negra.

Atendendo ao grau de semelhança (com as devidas ressalvas), entre a sociogênese da teologia negra no universo norte-americano para com o universo latino-americano. Não tardou muito para que a mensagem libertadora da teologia negra norte-americana encontrasse amparo na elaboração teológica destes sujeitos latino-americanos igualmente periféricos e marginalizados. A Teologia Negra em contexto latino-americano surge assim – e vai gradualmente sendo implementada –

---

<sup>1</sup> É o caso por exemplo das formulações reflexivas de Martin L. King Jr e Malcom X etc. bem como de cineastas, cantores e dramaturgos negros.

<sup>2</sup> Não podemos nos esquecer que neste período, os EUA (sob o olhar de uma igreja branca calada) tinha ainda institucionalizado as políticas segregacionistas que limitavam os direitos dos negros.

<sup>3</sup> As leis Jim Crow (em inglês, Jim Crow laws) foram leis estaduais que desde o final do século XIX e início do século XX impunham legalmente a segregação racial no sul dos Estados Unidos. As leis foram aplicadas entre 1877 e 1964. LEIS de Jim Crow. *Wikipedia*, 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis\\_de\\_Jim\\_Crow](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Jim_Crow). Acesso em: 31 maio 2023.

na década de 80, enquanto correspondência cristã para com a comunidade negra e suas lutas contra o fardo opressivo do racismo estrutural e estruturante<sup>4</sup>.

Portanto, tendo em mente todos estes elementos aqui introduzidos, iremos pensar a teologia negra no limiar da imaginação poética do samba enredo da mangueira.

## AMPLIANDO OS HORIZONTES DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA FACE A REALIDADE NEGRA

Embora a América Latina tenha percorrido um longo caminho desde que, na década de 60/70, teólogos(as) do terceiro mundo<sup>5</sup> colocaram em cheque a teologia ocidental dando origem a novas formas de teologizar a partir do contexto: cultural, social, histórico e político etc.<sup>6</sup>, ainda hoje, o mesmo "espírito" que estava sobre eles, ao ponto de enxergarem "a igreja de Cristo ocupando-se dos interesses do Reino"<sup>7</sup> e, desta forma, "promover a reflexão acerca do evangelho e o seu significado para o homem e mulher dentro de uma sociedade latino-americana"<sup>8</sup>, ecoam sobre nós para

---

<sup>4</sup> A respeito da sociogênese da Teologia Negra em contexto brasileiro, por exemplo, recomendamos alguns trabalhos como: PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Novos Diálogos/Recriar, 2019a; ANDRADE, Charlisson Silva de. *Teologia em perspectiva afrodiáspórica e antirracista: uma análise do potencial correlativo entre a teoria decolonial e a teologia negra da libertação*. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

<sup>5</sup> Apenas para citar alguns teólogos da ala evangélica teremos: René Padilla, Samuel Escobar; Pedro Arana; Rubens Alves etc., e do lado católico teremos o peruano Gustavo Gutiérrez, considerado o "pai" da teologia da libertação, na vertente católica; O sacerdote e teólogo espanhol Jon Sobrino que vive em San Salvador desde 1957, o brasileiro Leonardo Boff etc. todos eles contribuíram para o avanço do pensar teológico latino-americano.

<sup>6</sup> Pela teologia ocidental, a teologia é um ato universal contemplativo do criador, separado do aqui e agora. Ao passo que para os teólogos terceiro-mundistas o que as pessoas pensam sobre Deus não pode ser separado de seu lugar e tempo em uma história e cultura definidas. Cf. DECLARAÇÃO de Seul: Rumo a uma Teologia para o Terceiro Mundo. *Boletín Teológico*, n. 1, out./dez. 1983. (Coleção Documentos históricos). Disponível em: <https://ftl-al.com/http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/375>. Acesso em: 04 jun. 2023.

<sup>7</sup> BOLETÍN Teológico, n. 9, ago. 1989. (Coleção documentos históricos: Boletín Teológico de la FTL – Brasil). p. 57. Disponível em: <https://ftl-al.com/http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/358>. Acesso em: 22 jul. 2023.

<sup>8</sup> BOLETÍN Teológico, n. 9, ago. 1989, p. 57.

que ouçamos também a voz de Deus por meio de sua mensagem bíblica na experiência e manifestação cultural humana negra<sup>9</sup>.

Ora, foi com base nesta urgência de inserir a mensagem bíblica na realidade negra que surge a Teologia Negra<sup>10</sup>. Afinal, ela é por definição “aquela teologia que nasce da necessidade de articular a significação religiosa da presença negra num mundo branco e hostil”<sup>11</sup>. É também uma reflexão – para / com / – do povo negro a respeito da “experiência negra sob a experiência do espírito santo, tentando redigir a relevância do evangelho cristão para a sua vida”<sup>12</sup>. Teologia Negra é, portanto, uma situação de espírito, “um sentimento que toma conta da alma de um povo quando ele descobre que o mundo não é o que Deus quer que ele seja – no que se refere a realidade de sua vida – subjugação negra sob a opressão branca”<sup>13</sup>. Neste sentido, praticar teologia da perspectiva da teologia negra, “é empenhar as próprias faculdades intelectuais e emocionais a favor da sorte dos oprimidos para que eles possam ouvir o Evangelho em termos da causa e da eliminação de sua humilhação”<sup>14</sup>.

Esta articulação do pensamento teológico com as experiências sócio-históricas dos marginalizados se faz necessária na medida em que o mundo que fez o nosso mundo é decorrente do pensamento iluminista que não levou em conta os interesses sócio-históricos das sociedades oprimidas. A bem da verdade, para os filhos do iluminismo (os teólogos brancos) o alinhamento entre fé e contexto só é

---

<sup>9</sup> Por experiência negra Cone trata da materialidade vivida pelas pessoas negras na contemporaneidade e suas possíveis relações com pensamentos e práticas religiosas cristãs. CONE, James H. *Teologia Negra*. São Paulo: Recriar, 2020a. p. 82.

<sup>10</sup> Vale lembrar que a Teologia Negra é compreendida como tendo três fases: a primeira referindo-se ao período colonial até o final da década de 1960, especificamente até o ano de 1969. A segunda referindo-se de 1969 até o ano de 1976 e a terceira fase de 1976 em diante. Cf. CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986; GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. Contudo, ao recolocarmos a TN entre as décadas de 60 em diante, o fazemos num aspecto meramente conceitual, já que vários teólogos da teologia negra buscam sua origem bem mais distante no que se refere ao recorte histórico (na pré-história). Ver: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998; BAUR, John. *2000 anos de cristianismo em África: uma história da igreja africana*. Prior Velho: Paulinas, 2014.

<sup>11</sup> CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. Teologia Negra e Teologia Africana: considerações para diálogo, crítica e integração. In: CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 356-371. p. 362.

<sup>12</sup> CONE; WILMORE, 1986, p. 362.

<sup>13</sup> CONE; WILMORE, 1986, p. 362.

<sup>14</sup> CONE; WILMORE, 1986, p. 362.

importante na medida em que se encontrar limitado aos seus interesses sociais. E com base em seus interesses “falharam em questionar as consciências da assim chamada visão iluminista refletida na colonização e na escravidão”<sup>15</sup> e continuam falhando em questionar seus *status quo* à mercê dos privilégios adquiridos através da necropolítica<sup>16</sup>.

Através de um exame do cenário teológico branco contemporâneo fica claro que os filhos do Iluminismo simplesmente aceitaram as questões que lhes foram passadas por seus avós. Embora os eventos históricos do século XX tenham praticamente destruído a confiança herdada do século XIX na bondade da humanidade e no progresso inevitável da história. Os teólogos brancos do século XX ainda estão seguros em seu pressuposto de que importantes questões teológicas emergem, principalmente, se são exclusivamente, da experiência branca. Apesar dos [inúmeros protestos de lutas por direitos civis], os teólogos brancos agem ainda como se nada houvesse acontecido. Estes teólogos não percebem que tal procedimento é tão racista e opressivo contra os negros quanto os sermões de [entidades religiosas nos palácios presidenciais]. E isto porque a interpretação negra sobre este assunto é que aqueles que não são a nosso favor devem estar contra nós.<sup>17</sup>

De fato, os teólogos contemporâneos, herdeiros da modernidade – incluindo radicais e conservadores – têm interpretado o evangelho de acordo com os interesses culturais e políticos das pessoas brancas. Eles raramente tentam transcender os interesses sociais de seu grupo, a fim de buscar uma análise do Evangelho à luz da consciência do povo marginalizado que luta pela libertação<sup>18</sup>. Esta incapacidade de deslocamento teológico, torna suas teologias, um mero “exercício burguês de masturbação intelectual”<sup>19</sup>. Isto porque os teólogos brancos, “por causa de sua

---

<sup>15</sup> CONE, James H. *Deus dos oprimidos*. São Paulo: Recriar, 2020b. p. 96.

<sup>16</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

<sup>17</sup> CONE, 2020b, p. 96-97.

<sup>18</sup> Como teólogos brancos vivem em uma sociedade racista, a opressão das pessoas negras não ocupa um item importante em sua agenda teológica. Outra vez, como disse Karl Marx: "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" MARX, Karl; ANGELS, F. *On Religion*. New York: Shocken Books, 1964. p. 74-75. (tradução própria)

<sup>19</sup> Frase esta retirada de uma observação feita por Karl Marx em que dizia: “a filosofia [e poderíamos acrescentar a teologia] e o estudo do mundo real têm a mesma relação entre si que a masturbação e o amor sexual”. MARX, Karl; ANGELS, F. *The German Ideology*. New York: International publishers, 1970. p. 103. Lendo o contexto de sua época refletiu Cone: “Como a maioria dos teólogos profissionais são descendentes da classe favorecida e, portanto, muitas vezes representam a consciência da classe, é difícil não concluir que suas teologias são de fato um exercício burguês de masturbação intelectual” (CONE, 2020b, p. 97). Isto significa dizer que as ideias dominantes de

identidade com a estrutura de poder dominante, estão em grande parte dentro dos limites de sua própria história cultural”<sup>20</sup>. É por este motivo que durante a escravidão, a limitação social da teologia branca era expressa em três formas principais: (1) alguns teólogos brancos ignoraram a escravidão como uma questão teológica; (2) outros a justificaram; e (3) apenas alguns se manifestaram contra ela<sup>21</sup>.

Ora, pelos acontecimentos recentes, sendo um deles, o elemento que impulsionou a escrita deste ensaio, podemos afirmar que as atitudes destes três grupos estão conosco ainda hoje, todos eles representados em nossas igrejas e seminários conservadores; e mais dramaticamente representados na aproximação entre líderes evangélicos e poder político, desembocando inevitavelmente a um flerte com o fascismo<sup>22</sup>. Assim, tanto o primeiro grupo quanto o segundo, são exemplos taxativos de que "o conservadorismo religioso e o racismo branco são muitas vezes dois lados da mesma realidade"<sup>23</sup>.

Quanto ao terceiro grupo, apesar de poucos e bem-intencionados, ainda assim são parcialmente limitados por sua história cultural, fazendo com que elaborem ainda reflexões sociais, filosóficas e teológicas com base na perspectiva iluminista que olha a humanidade por uma perspectiva branca e universal. Estes são aqueles a quem Sartre denominou de “os liberais, os duros dos duros da Esquerda mole”<sup>24</sup>, artífices de uma “indignação seletiva”.

Não é nossa intenção questionar a integridade da ética pessoal destes teólogos. Nossa preocupação é com a identidade da teologia cristã e a influência cultural, socioeconômica e política na compreensão da tarefa teológica. E isto se dá porque muitos destes teólogos não são ameaçados politicamente, e seus corpos não são vigiados nem taxados enquanto corpos matáveis, e em decorrência disto eles não

---

cada época até mesmo as teológicas sempre foram as “ideias da classe dominante”. CONE, 2020b, p. 97.

<sup>20</sup> CONE, 2020b, p. 97.

<sup>21</sup> Saiba mais lendo CONE, 2020b, p. 98-103.

<sup>22</sup> Ver: SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.

<sup>23</sup> CONE, 2020b, p. 100. Com isto estamos querendo argumentar que, a postura niilista de certos teólogos para com os oprimidos é bastante antiga, refletindo o racismo estrutural e estruturante do qual se pretende negar.

<sup>24</sup> SARTRE *apud* FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 20.

se preocupam em incluir a questão racial em seu ponto de partida teológico. Ao aceitar o sistema axiológico da cultura dominante eles são impedidos de “considerar o sofrimento político do povo negro como evidência crítica para a formação de suas perspectivas teológicas”<sup>25</sup>:

Eu diria também que eles perderam o ingrediente decisivo da mensagem do evangelho. Afinal, se a essência do evangelho é a libertação dos oprimidos da humilhação sociopolítica para uma nova liberdade em Cristo Jesus (e não vejo como alguém pode ler as Escrituras e concluir o contrário) e, se a teologia cristã é uma explanação do significado desse evangelho para o nosso tempo, não deveria a própria teologia ter a libertação como ponto de partida ou correr o risco de ser, na melhor das hipóteses, conversa ociosa e, na pior das hipóteses, blasfêmia?<sup>26</sup>

Eis a grande contribuição da Teologia Negra no fazer teológico contemporâneo. Sua pesquisa nos levará, a experiência negra no gueto / favela / comunidade negra de hoje, pois, conforme nos diz o teólogo sul-africano Desmond Mpilo Tutu, a Teologia Negra, surge "no contexto do sofrimento negro as mãos do agressivo racismo branco" <sup>27</sup>. Consequentemente, sua grande preocupação é, segundo Tutu, "teologizar a partir da experiência negra, cujo ingrediente principal é o sofrimento à luz da revelação que Deus fez de si próprio no homem, Jesus Cristo"<sup>28</sup>. Assim, ela se preocupa “com o significado da existência negra, com a libertação, com o significado da reconciliação, com a humanização e com o perdão”<sup>29</sup>.

O postulado apresentado por Tutu é para nós importante na medida em que a história da teologia branca ilustra o conceito do *a priori* social afirmado por Werner Stark e os outros sociólogos do conhecimento<sup>30</sup>. Nesta produção de conhecimento o ambiente social funciona como uma "matriz mental", decidindo quais dados serão considerados relevantes em uma determinada pesquisa. Uma vez que os teólogos brancos não são os filhos e filhas de escravizados negros, mas os descendentes de Senhores de escravos brancos, “sua grade teológica exclui automaticamente do

---

<sup>25</sup> CONE, 2020b, p. 102.

<sup>26</sup> CONE, 2020b, p. 102-103.

<sup>27</sup> TUTU, Desmond M. Teologia Negra/Teologia africana: amigos íntimos ou antagonistas? *In*: CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 376-388. p. 386.

<sup>28</sup> TUTU, 1986, p. 386.

<sup>29</sup> TUTU, 1986, p. 386.

<sup>30</sup> STARK, Werner. *The Sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul, 1958.

campo de percepção os dados daqueles que produzem conhecimento partindo de outras realidades”<sup>31</sup>.

Esta mesma matriz axiológica se torna assim igualmente responsável pela ausência das expectativas apocalípticas dos spirituals entre os chamados “teólogos liberais” e a mesma explicação pode ser dada porque os existencialistas brancos não dizem nada sobre o absurdo no blues; olham com um certo menosprezo a “ostentação” e a dita “apologia ao crime” presente no Rap e no Funk; ridicularizam o “estilo de vida mais livre” presente no samba, ou ainda olham com desdém o enfrentamento a cultura patriarcal e machista presente no sertanejo etc.<sup>32</sup> Apesar de ridícula a ausência desta temática em suas teologias, bem como suas incompreensões acerca destes elementos, uma pergunta cabe aqui de ser feita: “Porque esperaríamos que eles dissessem algo, já que seu sistema de valores é a razão pela qual tantas pessoas negras tiveram que cantar “às vezes me sinto nada, algo jogado de lugar em lugar”<sup>33</sup>.

De qualquer forma, percebemos então que na análise do fazer teológico é preciso levar em consideração a matriz mental do qual se está partindo. Já que ela influencia “não apenas o que os teólogos(as) leem ao desenvolverem suas pesquisas, mas também quais aspectos da experiência pessoal irão moldar o estilo teológico e a metodologia”<sup>34</sup>. Destarte, “como os teólogos brancos não foram escravizados e linchados e não são guetificados por causa de sua cor, eles não pensam que a raça seja um ponto de partida importante para o discurso teológico”<sup>35</sup>. A cor/raça não é universal, dizem eles, e em seguida passam ao que consideram ser os problemas mais importantes dos estudos acadêmicos teológicos. Ora, o universalismo é,

---

<sup>31</sup> CONE, 2020b, p. 103.

<sup>32</sup> O elemento “ostentação” e a dita “apologia ao crime” ou mesmo a “noção da vida livre” são temas que precisam urgentemente ser trabalhados pelas teologias preocupadas com as comunidades marginalizadas. Sobre estes temas recomendamos ouvir o Podcast CHOVE chuva: Projeto Querino. [Locução de]: Tiago Rogero. [S.l.]: Rádio Novelo, ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1FAsFzXeO5mXIKuic8kJYL?si=b858bbb4d65d455c&nd=1>. Acesso em: 05 jun. 2023. E a entrevista concedida pelo Mano Brown ao Roda Viva: RODA Viva | Mano Brown | 2007. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (84 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&ab\\_channel=RodaViva](https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&ab_channel=RodaViva). Acesso em: 05 jun. 2023.

<sup>33</sup> CONE, 2020b, p. 104.

<sup>34</sup> CONE, 2020b, p. 104.

<sup>35</sup> CONE, 2020b, p. 104.

portanto, “um produto social e permanece assim mesmo (especialmente!) quando é legitimado em linguagem piedosa ou erudita”<sup>36</sup>.

Muitos(as) teólogos(as) até mesmo liberais não entendem a questão das ditas “subculturas” (funk e rap entre elas) porque eles partem da noção de profano/sagrado (os mais conservadores) e do paradigma do materialismo enquanto acúmulo (os liberais). Se para os primeiros a moral universalizante é a chave de leitura, para os segundos, a questão do capital se encontra no cerne. Porém, a escrita dos subalternos do funk e rap vai para além de ambos os quesitos (moralidade e capital) e não consiste na posse do materialismo em si, mas na leitura de superação estrutural dentro de uma episteme que categoriza uma forma de ser-para-ter<sup>37</sup>. É, portanto, uma forma de reexistência.

Nesta senda, as subculturas articulando uma linguagem própria de sua realidade vivencial surgem como formas de resistências: ao patriarcado; ao machismo; ao corpo racializado à superação das estruturas sufocantes e opressivas etc., através de seus corpos, suas danças; suas músicas e veias artísticas se contrapõem ao padronizado do qual nunca fizeram parte: A linguagem (popular contra o formal) e a estética surreal (o dito feio ou horrível como aceitável e agradável).

Em vista disto, a única maneira dos teólogos(a)s melhorarem sua visão acerca das subculturas e das estruturas universalizantes é saírem de suas “redomas culturais e políticas e enfrentarem outra realidade”<sup>38</sup>. Eles devem, ainda, ser desafiados a levar a sério outros sistemas de valores”<sup>39</sup>. Ou seja, em vez de estudar apenas os cânticos do cantor cristão por exemplo, devem também examinar a realidade daqueles que estão entoando o samba enredo “e a verdade vos fará livre”. Pois, “aquí a verdade se expande para além das limitações da cultura branca”<sup>40</sup>.

---

<sup>36</sup> CONE, 2020b, p. 104.

<sup>37</sup> É verdade que é bastante complexa esta relação capitalismo, indústria musical e comunidade negra, carecendo de melhor aprofundamento. De qualquer forma, abre para nós a possibilidade de pensarmos em uma ambiguidade entre os anseios postos pelo neoliberalismo e ao mesmo tempo à repressão que os próprios neoliberais colocam ao povo a quem exclui (que no caso é a comunidade negra).

<sup>38</sup> CONE, 2020b, p. 104.

<sup>39</sup> CONE, 2020b, p. 104.

<sup>40</sup> CONE, 2020b, p. 104.

## A TEOLOGIA NO LIMIAR DA IMAGINAÇÃO POÉTICA NEGRA

Falar de Teologia Negra, trata-se, portanto, de uma teologia que busca adentrar na realidade da comunidade afro como ela é; uma teologia restauradora “da realidade negada; e da utopia negra”<sup>41</sup>. Silva classifica esta realidade como ela é, como sendo o “factual”; a realidade negada é “o pecado” sendo que a utopia negada se expressa no “carisma”<sup>42</sup>. Se no “factual” encontramos uma realidade marcada pela lógica da exclusão, na “realidade negada” encontramos a escravidão como legitimadora desta negação e no “carisma” encontramos o dom proveniente de Deus aos negros, no qual contra tudo e todos, continuam resistindo, se reinventando e recriando formas diversas de combater qualquer mecanismo que coloque em xeque sua humanidade<sup>43</sup>. E uma destas formas é a sua arte poética: a música. Conforme nos diz Roberto Zwetsch, a arte poética “têm sido o veículo do protesto negro”<sup>44</sup>, ela está presente na religiosidade, nas estórias, contos, cantos, e rituais relativos à experiência do Sagrado transmitidas oralmente pela comunidade Negra que são assimiladas e passadas adiante à gerações futuras.

A literatura africana nos mostra que o sujeito afro canta por tudo: se está triste, canta, se está alegre, canta. Canta diante do nascimento, do casamento ou ainda diante da morte<sup>45</sup>. A música se constitui, portanto, numa companheira da vida. Entretanto, ao longo dos anos ela, a música, tem sido mais companheira dos momentos de luta do que de glória, pois, a história do povo negro tem nos ensinado que a história humana é marcada por uma lógica de exclusão<sup>46</sup>. Destarte, a comunidade negra tem usado a sua arte, como forma de protesto e denúncia a esta

---

<sup>41</sup> SILVA, Marcos Rodrigues Da. Caminhos da teologia afro-americana. In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 9-25. p. 15.

<sup>42</sup> SILVA, 1998, p. 15.

<sup>43</sup> Cf. VIEIRA, Henrique. *O Jesus negro: O grito antirracista da Bíblia*. São Paulo: Planeta, 2023.

<sup>44</sup> ZWETSCH, Roberto. Axé Malungo! In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 135-172. p. 149.

<sup>45</sup> JOÃO, Emiliano Jamba Antônio *et al.* *Teologia Africana: em diálogo com as teologias latino-americanas*. Campinas: Saber Criativo, 2022.

<sup>46</sup> Ver: JOÃO, Emiliano Jamba Antônio; BUENO, Rogério Donizetti (org.). *Teologia e Negritude: Os deslocamentos da Teologia a partir das experiências negras*. São Paulo: Recriar, 2019.

exclusão. Assim, qualquer teologia que pretenda ser relevante para esta comunidade tem de ter no seu cerne este "espírito profético"<sup>47</sup>.

Ora, enquanto elaboração profética a Teologia Negra procura anunciar que o "evangelho de Deus está julgando a existente ordem injusta"<sup>48</sup>. Isto implica revelar que "Deus não é indiferente ao sofrimento e tampouco paciente com a crueldade e a falsidade, mas o poder de Deus e o julgamento criará justiça e ordem a partir do caos"<sup>49</sup>. Assim, tal como ocorre na tradição Êxodo-Sinai, em que Yahweh é revelado enquanto "o Deus da história, cuja revelação é idêntica ao poder de Deus para libertar os oprimidos"<sup>50</sup>, a Teologia Negra, pelo seu papel profético não apenas denuncia as injustiças instauradas pelas políticas de mortes como também evidencia que "não há conhecimento de Yahweh a não ser através da atividade política de Deus em favor dos fracos e desamparados da terra"<sup>51</sup>. Ou como diria Frantz Fanon<sup>52</sup> em favor dos condenados da terra. Sendo estes, os vulnerabilizados, os sujeitos matáveis, aqueles que se encontram nos lugares abissais<sup>53</sup>.

Portanto, nosso argumento é que existe uma teologia na musicalidade negra que não é compreendida pela teologia convencional por falar uma linguagem própria dos interlocutores negros. Esses interlocutores não só perguntam: quem eles são? Como também procuram entender-se enquanto sujeitos do processo histórico humano e divino, denunciando o sistema maligno que jaz o mundo (1 João 5:19). Compreender estas interrogações é importante na medida em que tal como a Teologia Negra, a música negra é, em si, um ato profético por lidar com "o absurdo da existência"<sup>54</sup>, no entanto, "sem usar Jesus como seu ponto central"<sup>55</sup>. Há esperança e transcendência, mas somente quando "a visão é criada a partir da própria vida"<sup>56</sup>.

---

<sup>47</sup> Ver: PACHECO, Ronilso. *Protestantismo: utopia e insurgência*. São Paulo: Recriar, 2019b.

<sup>48</sup> CONE, 2020b, p. 47.

<sup>49</sup> CONE, 2020b, p. 47.

<sup>50</sup> CONE, 2020b, p. 117.

<sup>51</sup> CONE, 2020b, p. 117.

<sup>52</sup> FANON, 1968.

<sup>53</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedinas, 2009.

<sup>54</sup> CONE, 2020b, p. 71.

<sup>55</sup> CONE, 2020b, p. 71.

<sup>56</sup> CONE, 2020b, p. 71.

Destarte, a Teologia Negra incorpora a música negra em seu fazer teológico precisamente pelo seu carácter profético, sem, no entanto, adentrar no campo dicotômico/dualista do sagrado *versus* profano. Já que na perspectiva da musicalidade negra de se relacionar com o divino, a palavra se torna mais do que palavras sobre Deus. “A palavra de Deus é um acontecimento poético, uma evocação de uma realidade indescritível na vida do povo.”<sup>57</sup>

Para muitos artistas negros a arte é, portanto, uma maneira de alcançar a transcendência, já que nunca é para seu próprio bem, mas para o bem das pessoas: “A arte negra é o povo negro criando valores baseados em sua própria experiência e afirmando a vontade de inventar novas definições e estilos de vida compatíveis com sua luta para ser livre”<sup>58</sup>. Como bem cantou Emicida em principia “*no tempo onde a única que ainda corre livre aqui são nossas lágrimas, eu voltei pra matar, tipo infarto, depois fazer renascer, estilo parto; eu me refaço, farto, descarto; de pé no chão, homem comum*”<sup>59</sup>, o mesmo continua “*Se a bênção vem a mim, reparto, invado cela, sala, quarto, rodei o globo, hoje tô certo de que, todo mundo é um*”<sup>60</sup>.

Nisto vemos que no pensamento negro, a questão da transcendência, ela é tanto horizontal quanto vertical. E tem como finalidade, uma libertação comunitária. É neste sentido que para estes sujeitos, a terra prometida não se situa no além, mas no agora; neste sentido, o próprio ter em si é uma maneira de transcendência. Este paradoxo da transcendência é mais bem compreendido ao ouvirmos a música de Djonga intitulada “Falcão”: “*vamos mudar o mundo ... quero te dar o mundo ... eu sigo naquela fé que talvez não mova montanhas, mas arrasta multidões, e esvazia camburões, e preenche salas de aula e corações vazios e ainda dizem que eu não sou Deus [...]. Eu faço milagres. É que eu sou de lá, fi, onde querem quilates e se mata por mina ... [de mulher ou de ouro] ... se é que você me entende*”<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> CONE, 2020b, p. 60.

<sup>58</sup> CONE, 2020b, p. 74.

<sup>59</sup> EMICIDA. Principia. In: Emicida. *AmarElo*. Santana: Laboratório Fantasma, 2019. Faixa 1.

<sup>60</sup> EMICIDA, 2019, faixa 1.

<sup>61</sup> Faixa integrante do álbum "Ladrão". DJONGA – Falcão. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Djonga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7OyLgFzG1c>. Acesso em: 06 jun. 2023.

A transcendência e o espírito comunitário, aparecem, portanto, tanto em Djonga quanto em Emicida e em tantos outros artistas negros; e em decorrência deste estilo de pensamento comunitário percebemos que o artista não é livre até que todos sejam: “*enquanto a terra não for livre eu também não sou*”<sup>62</sup>.

Percebemos então que a arte poética devolve ao artista o reconhecimento e afirmação de sua humanidade; se constituindo deste modo, em um mecanismo do sujeito transcender tanto fora, quanto dentro de si mesmo, já que pela expressividade de sua negritude que se dá através da arte, este sujeito faz da arte o ingrediente essencial para a definição de sua humanidade, reconhecimento este que nunca foi fácil em contextos demarcados pelo racismo estrutural e estruturante.

Entretanto, “acreditar no divino no contexto do sofrimento negro pode muitas vezes colocar uma carga curiosa sobre um poeta”<sup>63</sup>. Isto porque em um ambiente de fortes e poderosos, “as práticas culturais populares do povo negro se concentram na capacidade dos mais fracos sobreviverem através da astúcia”<sup>64</sup>. A astúcia não deve ser vista aqui enquanto algo pejorativo, mas enquanto mecanismo de reexistência algumas vezes corporificada nas danças, outras vezes cantadas ou encenadas. Isto é, mecanismos de contornar o sofrimento infligido pelas políticas de morte.

É por este motivo que a moçambicana Paulina Chiziane argumenta que na dança e no canto “está a sublimação da vida; corpos e gestos rodopiando ao mesmo ritmo. Na dança—oração, milhões de passos, uma só marcha levitando a alma dos cativos ao encontro do Deus.”<sup>65</sup>. Assim, da mesma forma que a musicalidade e a dança não podem ser desconsideradas nos debates que envolvem a consciência da negritude, a questão corporal é também algo fundamental para a comunidade afrodescendente, que durante muito tempo tem sofrido com a castração e repreensão da expressão corporal. Portanto, a imaginação poética negra reunindo todos estes elementos (música, dança, corporalidade etc.) se faz necessária na medida em que, através dela, “as pessoas negras expressam as contradições da existência enquanto

---

<sup>62</sup> EMICIDA, 2019, faixa 1.

<sup>63</sup> CONE, 2020b, p. 75.

<sup>64</sup> CONE, 2020b, p. 74.

<sup>65</sup> CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. p. 21.

afirmam a necessidade de viverem na história sem serem dominados por ela”<sup>66</sup>. Em suma, “o conjunto da expressão negra, cristã e não cristã, religiosa e poética, trata do tema da libertação e da transcendência que acontece na luta”<sup>67</sup>.

Expressam ainda que, apesar de brutalmente oprimidos, o corpo negro revela e tem algo do divino. Por isso mesmo acreditamos ser esta a razão que levou a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, vencedora do Carnaval do Rio de 2019, a compor para 2020 uma música que reforça a história de luta de Cristo contra o Estado opressor. Contudo, a música intitulada "A Verdade Vos Fará Livre" gerou bastante repercussão negativa. Porém, conforme veremos abaixo é de uma musicalidade teológica sem igual que vêm corroborar para o estudo que estamos aqui realizando em relação a conexão entre teologia e poesia. Desta feita, nos apraz no tópico que se segue analisá-la dentro da proposta aqui apresentada.

## **"E A VERDADE VOS FARÁ LIVRE": UMA ANÁLISE TEOLÓGICA AO SAMBA ENREDO DA MANGUEIRA**

*Eu sou da estação primeira de nazaré  
rosto negro, sangue índio, corpo de mulher  
moleque pelintra no buraco quente  
meu nome é jesus da gente  
nasci de peito aberto, de punho cerrado  
meu pai carpinteiro desempregado  
minha mãe é maria das dores brasil  
enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira  
me encontro no amor que não encontra fronteira  
procura por mim nas fileiras contra a opressão*

*[bis] e no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão  
eu tô que tô dependurado  
em cordéis e corcovados  
mas será que todo povo entendeu o meu recado?  
porque de novo cravejaram o meu corpo*

---

<sup>66</sup> CONE, 2020b, p. 75.

<sup>67</sup> CONE, 2020b, p. 75.

*os profetas da intolerância  
sem saber que a esperança  
brilha mais na escuridão*

*Favela, pega a visão  
não tem futuro sem partilha  
nem messias de arma na mão  
favela, pega a visão  
eu faço fé na minha gente  
que é semente do seu chão  
do céu deu pra ouvir  
o desabafo sincopado da cidade  
quarei tambor da cruz fiz esplendor  
e ressurgi no cordão da liberdade*

*Mangueira  
samba teu samba é uma reza  
pela força que ele tem  
mangueira  
vão te inventar mil pecados  
mas eu estou do seu lado  
e do lado do samba também<sup>68</sup>*

Esta bela poesia cantada ao ritmo dançante de um samba expressa em tom de reza e de denúncia a realidade da comunidade marginalizada: Negro, índio, mulher e criança. Quer por parte da instituição política quanto da instituição religiosa cristã. Na primeira estrofe o compositor faz uma prece equiparada aos Salmos, em seguida ele anuncia que o teor de sua mensagem cantada suscitaria nas pessoas um mal-estar que as levaria a desprezá-lo (talvez já ciente de seu caráter profético). Na segunda estrofe, o autor usa da metáfora para fazer uma série de comparações: entre o bairro da mangueira (onde se situa a escola de samba), com a cidade de Nazaré (onde Jesus nasceu); entre as pessoas como negros, índios, mulheres e crianças (que

---

<sup>68</sup> Ver: CLIPE samba-enredo Mangueira 2020. Carnaval 2020 – A verdade vos fará livre. Composição: Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. Intérprete: Marquinho Art Samba. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Estação Primeira de Mangueira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2icPYeHe2M>. Acesso em: 12 abr. 2020.

geralmente se encontram em situação de vulnerabilidade) com a vida sofrida de Jesus (morador de uma cidade oprimida). Então o autor vê semelhança entre o Jesus histórico, que ele chama de "Jesus da gente", oprimido por um sistema escravocrata e violento (que é o romano) e as pessoas como as mulheres, Negros, índios e crianças (usadas pelo tráfico, levadas diariamente ao matadouro por um sistema injusto)<sup>69</sup>.

Ao analisar a composição musical é perceptível que o escritor não está afirmando que Jesus é mulher, é Negro, é índio, ou é criança, conforme alguns personagens mais radicais o acusaram, por meio de abaixo-assinados de repúdio e censuras no intuito de retirar tal música do Carnaval<sup>70</sup>. Entretanto, mesmo que dissesse ser Jesus: mulher, índio, Negro ou criança, não configuraria heresia, injúria, desfiguração, profanação da imagem de cristo, nem blasfêmia conforme tem sido dito. Já que analisando as escrituras percebemos que o próprio Jesus diz: "Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais, pois, o Reino dos céus pertence a elas" (Mt. 19.14). Num outro texto diz: "Quem quiser herdar os céus que seja como essas criancinhas; [...] Qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta, a mim me recebe" (Mt. 18.1-6).

Assim vimos que ele pode ser sim criança. Mas ele pode também ser negro, índio e mulher? Analisando o livro de Mateus 25:31-46 (isto para não nos alongarmos noutros textos) teremos a clara percepção de que sim! Jesus é Negro, é mulher, é índio, pois, são as pessoas mais "humildes", para não dizer os mais vulneráveis, oprimidos, fustigados por um sistema que "jaz no maligno" (1 João 5:19)<sup>71</sup>.

Por silogismo é o próprio Jesus que se assume como sendo qualquer pessoa em situação marginal. Além do mais, o evangelho de João 1 nos mostra que Jesus é

---

<sup>69</sup> A nossa análise contou com a ajuda da professora Marluci Brasil. Ver: MANGUEIRA --- CARNAVAL 2020. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado por Marluci Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ug2skzscMa0>. Acesso em: 22 fev. 2020.

<sup>70</sup> Ver: O SAMBA da Mangueira, que blasfemou de Nosso Senhor durante Carnaval de 2020. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fplT1vwCKxA>. Acesso em: 22 fev. 2020.

<sup>71</sup> Cf. JOÃO, Emiliano Jamba António. Oh tio, este Jesus nem branco é! Repensando a imagética de cristo através da cultura visual, um contributo à teologia negra e africana. *identidade!*, São Leopoldo, v. 27, n. 1, p. 73-104, jan./jun. 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/2066/1693>. Acesso em: 07 jun. 2023; VIEIRA, 2023; BERLOFA, João Paulo; FARIAS, Elias Soares. *O Negro Nazareno*. São Paulo: Recriar, 2021.

Deus. E a narrativa de Gênesis nos diz que toda humanidade é feita a imagem e semelhança de Deus. Logo ele é Negro, Mulher e Índio que são também *poiema* (poesias / feitura) e filhos de Deus<sup>72</sup>.

Se está tão claro na bíblia, por que tanto alvoroço ao identificar Jesus à uma destas personagens? Isso ocorre porque o que está em jogo não é a teologia em si, mas a disputa cultural no qual este Deus / Jesus é inserido. Ora, através desta disputa cultural os "coronéis da teologia"<sup>73</sup> entendem que "Cristo Negro é uma distorção ideológica do Novo Testamento com propósitos políticos"<sup>74</sup>. Contudo, ao fazerem estas acusações não buscam o compromisso com a verdade bíblica como muitos deles afirmam, mas sim "os interesses subjetivos dos próprios "coronéis da teologia"<sup>75</sup>. Isto porque "a convergência de Jesus Cristo e a experiência negra é o significado da Encarnação"<sup>76</sup>. Conforme nos ensina as escrituras, Deus se tornou humano em Jesus Cristo e através deste ato "Deus revelou a vontade divina de estar com a humanidade em nossa miséria"<sup>77</sup>. Uma vez que nós negros aceitamos a presença de Deus em Jesus como verdadeira definição de nossa humanidade, a negritude e a divindade encontram-se então "dialeticamente unidas como uma única realidade. Este é o significado teológico da afirmação paradoxal sobre a primazia da experiência negra e de Jesus Cristo, conforme as Escrituras dão testemunho"<sup>78</sup>.

Isto nos leva a respondermos à questão da heresia igualmente levantada pelos "coronéis da fé cristã". A nosso ver a temática da heresia é um assunto importante se levantado de forma correta, ainda mais se a igreja pretende ser clara sobre sua mensagem e sua vocação no mundo.

Para fins conceituais entendemos a Heresia enquanto "qualquer atividade ou ensinamento que contradiga a verdade libertadora de Jesus Cristo"<sup>79</sup>. É, portanto,

---

<sup>72</sup> Efésios 2:10.

<sup>73</sup> Cone os identifica como sendo os Teólogos Brancos que pautam e padronizam a narrativa teológica ditando nas estruturas seculares e eclesiais o que é bom e ruim, o que é certo e errado, o que é profano e sagrado etc. CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

<sup>74</sup> CONE, 1985, p. 147.

<sup>75</sup> CONE, 1985, p. 147.

<sup>76</sup> CONE, 2020b, p. 82.

<sup>77</sup> CONE, 2020b, p. 82.

<sup>78</sup> CONE, 2020b, p. 82.

<sup>79</sup> CONE, 2020b, p. 83.

“uma ação que nega a autoridade de Cristo, ou uma palavra que recusa a reconhecer sua presença libertadora nas lutas pela liberdade”<sup>80</sup>. Heresia é ainda “a recusa de falar a verdade ou de viver a verdade à luz d'Aquele que é a Verdade”<sup>81</sup>. Assim, a resposta à questão sobre a heresia não pode deixar de contemplar o passado e presente da humanidade oprimida relacionando-a com o Jesus libertador<sup>82</sup>.

Diante destes conceitos aqui apresentados em torno da heresia já podemos nos perguntar: quem de fato está sendo herético? Aqueles que poeticamente e em caráter de denúncia recitavam em forma de samba enredo o texto bíblico que diz “a verdade vos fará livre”, ou os coronéis da fé cristã? Ora, o evangelho todo fala de um Deus que fez um processo kenótico (esvaziamento) (Filipenses 2:6-11) que jamais se preocupou com a desfiguração da sua imagem. Ele sabe quem Ele é. Ainda que a maldade humana “retire formosura em seu rosto”, Ele continua incursionando na história humana para marcá-la até sua morte e ressurreição. Sua ressurreição marca “a vitória de Deus sobre a opressão e a injustiça, revelando que a liberdade divina demonstrada na história de Israel agora está disponível para todos”<sup>83</sup>. Desta forma, a cruz “representa a particularidade do sofrimento divino no lugar de Israel. A Ressurreição é a universalidade da liberdade divina para todos os que “trabalham e estão pesadamente oprimidos”<sup>84</sup>.

A pergunta que não quer se calar, portanto, são aquelas formuladas pelo Pr. Henrique<sup>85</sup>: Como não relacionar o corpo de Cristo a todos os corpos crucificados da história? Como não enxergar o corpo de Cristo em todas as vítimas do poder que oprime? Como é possível ser comovido pela morte de Cristo e, ao mesmo tempo, ser indiferente à violência praticada contra tantos? Como se constitui uma religiosidade

---

<sup>80</sup> CONE, 2020b, p. 83.

<sup>81</sup> CONE, 2020b, p. 83.

<sup>82</sup> Eis a maneira com que Cone define a heresia “A resposta à questão da heresia, na medida em que se relaciona tanto com nosso passado quanto com nossa situação atual, começa e termina com a centralidade de Jesus Cristo como o Libertador dos oprimidos. Qualquer interpretação do evangelho, em qualquer período histórico, que não veja Jesus como o Libertador dos oprimidos é herética. Qualquer visão do evangelho que não considere a igreja como a comunidade cujo trabalho e consciência são definidos pela comunidade dos oprimidos não é cristã e é, portanto, herética. Dentro deste contexto, a questão da heresia deve ser debatida”. CONE, 2020b, p. 84.

<sup>83</sup> CONE, 1985, p. 149.

<sup>84</sup> CONE, 1985, p. 149. O povo negro faz o mesmo processo kenótico com Cristo.

<sup>85</sup> VIEIRA, 2023.

que derrama lágrimas diante da Cruz de Cristo, mas oferece silêncio ou sarcasmo perante o genocídio da juventude negra?

De fato, “nossa sobrevivência e nossa libertação dependem de reconhecermos a verdade quando ela é falada e vivida pelo povo”<sup>86</sup>. Isto porque “se não reconhecermos a verdade, ela não poderá nos libertar da inverdade”<sup>87</sup>. Quando o povo negro lê a passagem bíblica dizendo “a verdade vos fará livres” ele apenas concorda dizendo, Amém! Já que para este povo “conhecer a verdade é apropriar-se dela, pois ela é mais do que reflexão e teoria. A verdade é a ação divina que entra em nossas vidas e cria a ação humana de libertação”<sup>88</sup>. E é através desta verdade que ele dança, canta, e compõe poesias, já que, conforme nos diz Cone, “a verdade nos permite dançar e viver no ritmo da liberdade em nossas Vidas, enquanto lutamos para ser quem somos”<sup>89</sup>. Portanto, “para falarmos a verdade, nós, teólogos(as) negros(as), temos que apresentar a experiência autêntica da negritude”<sup>90</sup>. E foi pensando nisso que nos movimentamos para dar corpo a este texto<sup>91</sup>.

## O "JESUS DA GENTE"

Percebemos que Jesus, sendo a representatividade de Deus na Terra, se identificou e acolheu os pobres, oprimidos, marginalizados e desvalidos. E por tudo isso esse Jesus seria o Jesus dessa mesma gente. O Emanuel Deus conosco, aquele que se encontra nas situações mais caóticas do ser humano, e que se identifica e carrega sobre si cada dor. Quer na dor das “Marias” desse vasto Brasil que carregam na pele o estigma da inferioridade, e que vivem no cotidiano a inversão da frase “os filhos enterram seus pais”. Pois, diariamente recebem nos seus braços o corpo frio do

---

<sup>86</sup> CONE, 2020b, p. 76.

<sup>87</sup> CONE, 2020b, p. 76.

<sup>88</sup> CONE, 2020b, p. 76.

<sup>89</sup> CONE, 2020b, p. 76.

<sup>90</sup> CONE, 2020b, p. 76.

<sup>91</sup> Conforme explicou muito bem Cone: “É o encontro com a verdade da experiência negra que permite aos teólogos negros saber que devem falar a verdade ao povo. Falar a verdade ao povo negro é relacionar a história das lutas de nossas mães e de nossos pais com nossas lutas atuais e assim criar um futuro humano para nossos filhos. Devemos pegar os discursos e contos, [as músicas], as orações e os sermões negros e incorporá-los à nossa existência atual, relacionando os esforços de nossos pais à nossa luta diária para sobreviver em uma terra definida por outros” (CONE, 2020b, p. 75).

negro, índio e crianças. E por isso elas carregam no nome e no corpo a dor e a lágrima pelo sangue derramado dos inocentes. Tal qual o profeta Jeremias narra: “Ouviram-se um som em Ramá, o som de um choro amargo. Era Raquel chorando pelos seus filhos; ela não quer ser consolada, pois todos estão mortos”<sup>92</sup>.

A comunidade negra não só encontra identificação na vida do servo sofredor de Deus, como também em sua morte e ressurreição. Essa é a grande alegria que a teologia negra proporciona ao povo negro, sobretudo a aqueles que assim como Ramá não conseguem achar consolo. A negritude de Cristo é, neste sentido, “tanto literal quanto simbólica”<sup>93</sup>. Ela se torna literal no sentido de que Jesus verdadeiramente se tornou Um com os negros<sup>94</sup>, e ela é simbólica no sentido de que os negros se encontram e se revêm nos evangelhos e na vida histórica do seu criador: “dizer que Cristo é negro significa que o povo negro é o povo pobre de Deus a quem Cristo veio libertar”<sup>95</sup>. Isto significa dizer que “nenhum evangelho de Jesus Cristo é possível [...] sem que se ponha em sintonia com a história e a cultura daquele povo que lutou para dar testemunho do nome de Jesus em circunstâncias extremas de aflição”<sup>96</sup>. Do mesmo jeito, “dizer que Cristo é negro significa que Deus, em sua sabedoria e misericórdia infinitas, não apenas leva a cor seriamente”<sup>97</sup>, como também “a toma sobre si e revela sua vontade de fazer de todos nós novas criaturas nascidas no espírito da negritude divina e redimidas através do sangue do Cristo Negro”<sup>98</sup>.

Portanto, Cristo é negro não por causa de alguma necessidade cultural ou psicológica do povo negro, mas por causa e somente porque Cristo *realmente* entra em nosso mundo, onde os pobres, os desprezados estão revelando que ele está com eles, sofrendo a humilhação e a dor deles e transformando os escravos oprimidos em servos libertados.<sup>99</sup>

---

<sup>92</sup> Jeremias 31:15 NTLH.

<sup>93</sup> CONE, 1985, p. 150.

<sup>94</sup> A negritude de Cristo se encontra assim no contexto sociológico que deu origem aos movimentos civis nos EUA, aos cantos espirituais, aos movimentos de libertação nos contextos africanos etc.

<sup>95</sup> CONE, 1985, p. 150.

<sup>96</sup> CONE, 1985, p. 150.

<sup>97</sup> CONE, 1985, p. 150.

<sup>98</sup> CONE, 1985, p. 150. Para Cone, o título cristológico na perspectiva da negritude se explica do mesmo modo que se pode explicar o título cristológico do Cristo Filho do Homem ou filho de Davi.

<sup>99</sup> CONE, 1985, p. 150.

Em contraposição a essa verdade: “Se Cristo não é negro, o evangelho não é boa nova para os oprimidos, e a observação de Marx está correta: “a religião é o sinal da criatura oprimida, o coração de um mundo insensível [...] a alma de uma situação sem alma. É o Ópio do povo””<sup>100</sup>

O que o samba enredo tem a ver com a teologia negra? A teologia negra é feita pelos seus interlocutores. E os seus interlocutores estão dizendo de forma cantada e poética que, esse Jesus outrora também oprimido, mas, agora vitorioso, é da gente, é o Emanuel que “enxuga o suor de quem desce e sobe ladeira”, do mesmo jeito quando ele diz que “Eu estou no que Estou” (Ex 3:14) ele afirma que Ele se encontra no “amor que não encontra fronteiras”, um amor desprovido de preconceito, de raiva de ódio, o típico imperativo categórico de Deus: O Amor puro e simples, o *ágape*, *pietate*, *caritate* de Deus. Porém, tal amor apenas se achará naqueles que são filhos de Deus tal qual ele o É.

Em relação a este amor, nos ensina o Apóstolo João que ele é a marca identitária de quem está em Deus e Deus nele. Desta feita concluímos que o mundo conhecerá a Deus quando buscarmos pelo amor e lutarmos pelo que é correto e Justo. É nesta linha de pensamento que o Apóstolo João irá dizer que “a diferença clara que existe entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo é esta: quem não faz o que é correto ou não ama o seu irmão não é filho de Deus”<sup>101</sup>. Tendo isso em mente faz todo sentido o compositor do Samba-Enredo dizer que se quisermos conhecer à Jesus devemos procurá-lo “*nas fileiras contra a opressão e no olhar daquele que assim como o porta-bandeira olha para o seu pavilhão*”: com propósito, com determinação, com fé e com esperança de quem carrega em sua pele a marca e o grito por socorro.

Este mesmo “*Jesus da gente*” se encontra, nas coisas mais simples às mais complexas, nas visíveis às invisíveis ou invisibilizadas, seja no morro, na cidade, bem como nas entrelinhas da arte. E inclusive na poesia cantada. Mas será que todo povo entendeu o recado desse Jesus? Se pergunta o autor deste samba. Pelos vistos não, já que é impressionante perceber como uma excelente poesia igual a esta que

---

<sup>100</sup> CONE, 1985, p. 151.

<sup>101</sup> 1 João 3:10 NTLH.

---

enaltece o tempo todo à JESUS seja tão censurada por ser blasfema e herege, o que nos faz perguntar sobre: que Jesus ou ainda que evangelho está sendo pregado?

Analisando o seu tempo, o escritor do Samba enredo afirma categoricamente, ainda que de forma retórica, que não entendemos o recado desse Jesus. Por quê? Porque de novo, dia após dia, cravejamos o corpo de Jesus. Na carta aos Hebreus, cuja autoria é atribuída ao Apóstolo Paulo, encontramos esta mesma premissa: “quando nos acomodamos ao mal não vivendo o evangelho de Cristo, crucificamos novamente a Cristo”<sup>102</sup> Na atualidade ocorre quando “os profetas da intolerância” agem de forma maleficiente contra um povo já marginalizado, sem saber que “a esperança brilha mais na escuridão”. Ou seja, a boa nova do evangelho ecoa nos lugares esquecidos pelos ditos *gurus* do cristianismo.

Ronilso Pacheco, analisando os profetas do antigo testamento, divide estes profetas em dois grupos: os profetas do templo e os profetas da periferia. Sendo os primeiros geralmente os mais midiáticos, os *gurus* da fé<sup>103</sup>. Tais profetas infelizmente fazem discípulos, pois contam com uma fábrica midiática e sedutora de desvirtuação do evangelho da vida, acabando inclusive por atrair não só reis, mas também súditos, tal igual aos profetas do qual Amós faz frente. Daí à razão de se erguer profetas da periferia, ainda que sejam aqueles, que *a priori*, não são do padrão convencional; mas sim do estilo do profeta Amós (sem a tradição teológica midiática). E por conta desta profecia feita a partir da margem, não medem esforços para chamar atenção ao povo de Deus de que “*não tem futuro sem partilha; nem messias de arma na mão*” o Messias bíblico é sempre pró-Amor.

Por fim, o compositor deste belo enredo termina dizendo que tem fé na sua gente, que vive diariamente as dificuldades do cotidiano, peticionando à Deus por socorro, que saberá discernir o evangelho do amor do evangelho do ódio. Tais petições são direcionadas a um Deus que tem boca que fala, olhos que veem, ouvidos que ouvem o desabafo sincopado da cidade que misturam ritmo poético com a mensagem da cruz. Uma mensagem que nos conduz à liberdade! Pois o nosso Deus é misericordioso e bondoso. “Ele fará brilhar sobre nós a sua luz e do céu iluminará

---

<sup>102</sup> Hebreus 6:6.

<sup>103</sup> PACHECO, Ronilso. *Profetismo: utopias & insurgência*. São Paulo: Recriar, 2018. p. 12.

todos os que vivem na escuridão da sombra da morte, para guiar os nossos passos no caminho da paz”<sup>104</sup>.

## NOTAS CONCLUSIVAS

Neste ensaio, não tivemos a pretensão de nos colocarmos como pioneiros da reflexão acerca da teologia e poesia. Pois, já tem um longo trajeto (sobretudo no que diz respeito a literatura negra)<sup>105</sup>. Nosso esforço foi mais no sentido de analisar a presente problemática que o samba enredo nos apresentou, a partir da teologia negra e da poesia negra. Essa aproximação deu-se porque “teologia e poesia foram entendidas por nós como mediações capazes de expressar de forma imanente e transcendente a realidade do povo negro”<sup>106</sup>.

Uma vez chegando aqui, estamos em condição de responder à seguinte pergunta: por que tanto alvoroço diante de uma música tão esplendidamente escrita? Por que que o Jesus da gente, de rosto negro, sangue índio e corpo de mulher é assustador? Dentre várias respostas possíveis três sobressaem-se: (1) pela mensagem subversiva que denuncia e afronta o racismo presente nos ambientes teológicos universalizantes; (2) por adentrar num campo de disputa interpretativa acerca da bíblia, ambiente este recheado de pessoas que procuram obter a todo custo o controle absoluto sobre o sagrado<sup>107</sup>; (3) pelo lugar axiológico em que se está partindo a análise; ou parafraseando à vovó Emília, a terceira resposta, tem a ver com o fato de que a música é o modo que a comunidade negra encontrou para falar. Entretanto, pelas particularidades de sua linguagem, branco não entende sua língua, mas, mesmo assim, ela canta e se articula. O canto é a sua força e comunhão<sup>108</sup>.

---

<sup>104</sup> Lucas 1:78-79 NTLH.

<sup>105</sup> Para além dos trabalhos já aqui apontados, recomendamos também o artigo de PEDRO, Augusto Cesar. O samba como instrumento de (re)valorização da identidade negra. *identidade!*, São Leopoldo, v. 13, p. 6-12, 2008.

<sup>106</sup> ZWETSCH, 1998, p. 169.

<sup>107</sup> Como brilhantemente argumentou Ronilso Pacheco: “a bíblia é um livro negro de interpretação historicamente branca”, isto porque “a bíblia foi escrita em um ambiente semelhante ao dos colombos, mas vem sendo interpretada na sala da casa grande”. PACHECO *apud* VIEIRA, 2023, p. 32-34.

<sup>108</sup> ZWETSCH, 1998.

---

Dessa fala sobressai a força e a magnitude da poesia negra em forma cantada e do porquê da revolta.

Alguns – assim como os Jesuítas o fizeram em seu tempo – talvez entendam a força que vem das cantorias e danças dos negros e, por isso, a depreciam e a combatem como culto aos ídolos, ou blasfêmias, ou heresias, ou injúrias etc. Os teólogos que defendem as teologias contextuais afirmam que a Teologia cristã só fará sentido para os destinatários da mensagem cristã se der conta da experiência histórica. O mesmo ocorre em relação à comunidade Negra. Por esta razão a Teologia negra surge como forma de interpretar esta experiência negra aos olhos da fé. Experiência essa que é expressa em forma poética.

Assim, juntar Teologia e Poesia num mesmo assunto não configura algo forçado e indevido, já que ambas lidam com a realidade concreta. Seria por este motivo que o apóstolo Paulo, lá na sua epístola aos Efésios, capítulo 2, versículo 10, teria nos lembrado de que nós somos “poemas” de Deus?<sup>109</sup> Se assim for, então é caso para dizer que a comunidade negra captou muito bem esta mensagem. Além do mais, conforme Zwetsch, o “teólogo, no afã e indignado com à realidade que está diante dos seus olhos, encontra na linguagem teológica tudo aquilo que quer dizer e que não consegue de outra forma”<sup>110</sup>; todavia, o poeta, de forma implícita, se assemelha ao teólogo, já que “frequentemente, toma por interlocutor o próprio Deus. E então, não poucas vezes, não é fácil perceber até onde vai o poema, e onde começa à oração”<sup>111</sup>. Neste sentido, a realidade em si precede tanto a linguagem poética quanto a fé Teológica. Fazendo com que a Teologia e a poesia se constituam em “momentos segundos” que, elaborados a partir da realidade concreta da comunidade Negra, transcendem para “momentos primeiros”. Isso devido a transcendência da materialidade dos fatos.

---

<sup>109</sup> Esta passagem tem sido traduzida da seguinte forma: “pois somos feitura dEle [Deus] criados em Cristo Jesus para as boas obras...” no entanto, a expressão *ποίημα* (poíema) que o Apóstolo Paulo utiliza em sua carta, está mais próxima da expressão “poema” do que de “feitura”, convencionalmente utilizada. Ver: SCHOLZ, Vilson. *Novo testamento Interlinear: Grego português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

<sup>110</sup> ZWETSCH, 1998, p. 170.

<sup>111</sup> ZWETSCH, 1998, p. 170.

Em vista disto, a Teologia e a Poesia que “são ‘momentos segundos’, sem deixarem de serem ‘momentos primeiros’ são também os momentos últimos apontando para a comum utopia”<sup>112</sup>. Conforme Zwetsch, tanto a poesia quanto a Teologia Negra, trabalham com uma concepção de utopia que diz respeito à “recuperação da plena dignidade do negro e da superação de toda forma de racismo”<sup>113</sup>. Desta forma, “à realização de tal utopia que brota da dura realidade do povo Negro é, na verdade, uma tarefa que se estende a toda a humanidade”<sup>114</sup>.

Concluimos este texto afirmando que a Teologia Negra e a Poesia se interpelam por ambas se configurarem como sendo expressões de uma múltipla realidade: uma concreta e outra abstrata. É a partir daí que elas pretendem dialogar. Assim, “se a poesia expressa a vitalidade presente em cada negro e na comunidade negra, a reflexão teológica mostra as referências fundantes desta vitalidade”<sup>115</sup>, tornando-se cooperadoras e solidárias uma da outra na luta pela Libertação da comunidade Negra em toda sua integralidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Charlisson Silva de. *Teologia em perspectiva afrodiaspórica e antirracista: uma análise do potencial correlativo entre a teoria decolonial e a teologia negra da libertação*. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

BAUR, John. *2000 anos de cristianismo em África: uma história da igreja africana*. Prior Velho: Paulinas, 2014.

BERLOFA, João Paulo; FARIAS, Elias Soares. *O Negro Nazareno*. São Paulo: Recriar, 2021.

BOLETÍN Teológico, n. 9, ago. 1989. (Coleção documentos históricos: Boletín Teológico de la FTL – Brasil). Disponível em: <https://ftl-al.com/http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/358>. Acesso em: 22 jul. 2023.

---

<sup>112</sup> ZWETSCH, 1998, p. 171.

<sup>113</sup> ZWETSCH, 1998, p. 172.

<sup>114</sup> ZWETSCH, 1998, p. 172.

<sup>115</sup> ZWETSCH, 1998, p. 141.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

CHOVE chuva: Projeto Querino. [Locução de]: Tiago Rogero. [S.l.]: Rádio Novelo, ago. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1FAsFzXeO5mXIKuic8kJYL?si=b858bbb4d65d455c&nd=1>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CLIFE samba-enredo Mangueira 2020. Carnaval 2020 – A verdade vos fará livre. Composição: Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo. Intérprete: Marquinho Art Samba. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Estação Primeira de Mangueira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2icPYeHe2M>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CONE, James H. *Deus dos oprimidos*. São Paulo: Recriar, 2020b.

CONE, James H. *O Deus dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONE, James H. *Teologia Negra*. São Paulo: Recriar, 2020a.

CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986.

CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. Teologia Negra e Teologia Africana: considerações para diálogo, crítica e integração. In: CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 356-371.

DECLARAÇÃO de Seul: Rumo a uma Teologia para o Terceiro Mundo. *Boletín Teológico*, n. 1, out./dez. 1983. (Coleção Documentos históricos). Disponível em: <https://ftl-al.com/http://www.repci.co/repositorio/handle/123456789/375>. Acesso em: 04 jun. 2023.

DJONGA – Falcão. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Djonga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7OyLgFzG1c>. Acesso em: 06 jun. 2023.

EMICIDA. Principia. In: Emicida. *AmarElo*. Santana: Laboratório Fantasma, 2019. Faixa 1.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

JOÃO, Emiliano Jamba António; BUENO, Rogério Donizetti (org.). *Teologia e Negritude: Os deslocamentos da Teologia a partir das experiências negras*. São Paulo: Recriar, 2019.

JOÃO, Emiliano Jamba António *et al.* *Teologia Africana: em diálogo com as teologias latino-americanas*. Campinas: Saber Criativo, 2022.

JOÃO, Emiliano Jamba António. Oh tio, este Jesus nem branco é! Repensando a imagética de cristo através da cultura visual, um contributo à teologia negra e africana. *identidade!*, São Leopoldo, v. 27, n. 1, p. 73-104, jan./jun. 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/2066/1693>. Acesso em: 07 jun. 2023.

LEIS de Jim Crow. *Wikipedia*, 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis\\_de\\_Jim\\_Crow](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Jim_Crow). Acesso em: 31 maio 2023.

MANGUEIRA --- CARNAVAL 2020. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado por Marlucci Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ug2skzscMa0>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MARX, Karl; ANGELS, F. *On Religion*. New York: Schocken Books, 1964.

MARX, Karl; ANGELS, F. *The German Ideology*. New York: International publishers, 1970.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

O SAMBA da Mangueira, que blasfemou de Nosso Senhor durante Carnaval de 2020. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fpIT1vwCKxA>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PACHECO, Ronilso. *Profetismo: utopias & insurgência*. São Paulo: Recriar, 2018.

PACHECO, Ronilso. *Protestantismo: utopia e insurgência*. São Paulo: Recriar, 2019b.

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Novos Diálogos/Recriar, 2019a.

PEDRO, Augusto Cesar. O samba como instrumento de (re)valorização da identidade negra. *identidade!*, São Leopoldo, v. 13, p. 6-12, 2008.

RODA Viva | Mano Brown | 2007. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (84 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&ab\\_channel=RodaViva](https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&ab_channel=RodaViva). Acesso em: 05 jun. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedinas, 2009.

---

SCHOLZ, Vilson. *Novo testamento Interlinear: Grego português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.

SILVA, Marcos Rodrigues Da. Caminhos da teologia afro-americana. In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 9-25.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.

STARK, Werner. *The Sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul, 1958.

TUTU, Desmond M. Teologia Negra/Teologia africana: amigos íntimos ou antagonistas? In: CONE, James H.; WILMORE, Gayraud S. (org.). *Teologia negra*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 376-388. p. 386.

VIEIRA, Henrique. *O Jesus negro: O grito antirracista da Bíblia*. São Paulo: Planeta, 2023.

ZWETSCH, Roberto. Axé Malungo! In: SILVA, Antônio Aparecido da (org.). *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 135-172.